

A Política e o Tédio

RECEBO o recado de um amigo: «você precisa escrever mais sobre política». E acrescenta que eu ando muito «alienado» ou «por fora», como se costuma dizer agora.

O amigo tem razão, mas o diabo é que não gosto de forçar minha natureza, e confesso que mal tenho lido as seções políticas dos jornais. O tédio me vence. Encontro com frequência meu amigo Renato Archer, e admiro a paciência e dedicação exemplar com que ele articula a sua Frente Ampla, mas quando me perguntam se sou a favor ou contra a Frente Ampla, confesso que nem sequer sei o que responder.

A verdade é que não sou a favor nem contra. Acho necessária uma oposição forte, com um programa nítido, para fiscalizar o governo e apoiar, dentro dele, os melhores elementos, além de arregimentar a opinião para a luta de recuperação democrática. Pergunto-me, entretanto, se uma Frente constituída por uma identidade de interesses tão ocasional terá condições para se estruturar e fazer algo de aproveitável.

Quanto ao governo, acho deprimente seu apêgo a leis castelistas que o comprometem aos olhos de qualquer pessoa honradamente democrática; não sei se é prova de fraqueza, de má consciência, de desconfiança ou temor do povo — de qualquer maneira é inadmissível pretender conquistar um apoio mais largo e sincero, construir um ambiente nacional de boa-vontade e compreensão, quando se governa com o dedo no gatilho. Fora disso, parece-me boa, em linhas gerais, sua orientação em torno de alguns problemas fundamentais da nação, mas as divergências internas, tibiezas, acomodações e hesitações já duram demais: falta, na verdade, um pulso, uma determinação muscular de abrir caminho para o desenvolvimento do Brasil.

Tudo parece frouxo e chôcho, e não consigo esquecer aquela frase com que um mineiro do interior definiu para o Otto Lara Resende a situação de um outro governo: «parece uma porca mal capada, não engorda nem dá cria...»

E era o que eu tinha a dizer.

DN - 19. 10. 67